



## Efeitos do deslocamento da noção de intimidade: o *éxtimo* na sala de jantar

**Liliane Seide Froemming**

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Professora Associada, Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Programa de Pós-Graduação em  
Psicanálise Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia da UFRGS - Porto Alegre, RS – Brasil  
Trabalho realizado na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, vinculado ao  
Grupo de pesquisa A Psicanálise e a Clínica na Universidade  
Psicanalista Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Rio Grande do Sul  
E-mail: [lilifrom@portoweb.com.br](mailto:lilifrom@portoweb.com.br)

**Marisa Terezinha Garcia de Oliveira**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e Cultura da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Trabalho realizado na Clínica de Atendimento  
Psicológico, Instituto de Psicologia, UFRGS, vinculado ao  
Grupo de pesquisa - A Psicanálise e a Clínica na Universidade  
Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Rio Grande do Sul  
E-mail: [mtgoliv@gmail.com](mailto:mtgoliv@gmail.com)

---

**Resumo:** O deslocamento da noção de intimidade nas relações amorosas, observado em um caso clínico, suscitou a questão de estarem em curso novas formas de expressão destes laços. A tradição filosófica da amizade resgatada por Derrida aponta que da fusão associada ao amor surgiria o estranho, conceito freudiano, manifestado na angústia. Como o amor situa-se no registro imaginário e o sujeito ao se relacionar com os objetos – mercadoria do capitalismo exclui o outro do laço social, o estranhamento ocorreria pelo duplo no lugar de objeto. As modalidades da alteridade nos registros psíquicos são discutidas a partir de formulações como *Mistura de Outreidade*, proposta por Lacan, assim como *imissão* de sujeitos e *multidão freudiana* no *Sonho da Injeção de Irma*. A assimetria das relações seria condição de quebra do duplo, este como anunciador da morte, com o que estão preocupadas *as pessoas da sala de jantar*, conforme referência ao excerto clínico trabalhado.  
**Palavras-chave:** intimidade, amizade, amor, Outreidade, estranho.

---

### Effects of displacement of intimacy notion: the “*extimate*” in the dining room

The displacement of the notion of intimacy in romantic relationships, observed in a clinical case, raised a new course for the expression of these bonds. The philosophical tradition of friendship brought back by Derrida points out that due to the fusion associated with love, “the uncanny”, Freudian concept, manifested in anxiety, would appear. As love is situated in the imaginary register and the subject when relating to objects - capitalist merchandise - excludes the other of the social bond, *the uncanny* may occur by the placing of *the double* where the object should be. The forms of otherness in psychic records are discussed by Lacan’s formulation *mixing of Otherness*, as well as *Inmixing of subjects* and *Freudian crowd* at the *Dream of Irma’s Injection*. The asymmetry of the relationship would be the condition to break the *double*, the announcer of death, with is a main object of concern for the people in the dining room, as a reference to the studied clinical excerpt.

**Key words:** Intimacy, friendship, love, Otherness, uncanny.

---

### Effets de déplacement de la notion d'intimité: l'*éxtime* dans la salle à manger

Le déplacement de la notion d'intimité dans les relations amoureuses, observé dans un cas clinique, a soulevé la question de savoir si des nouvelles formes d'expression de ces relations, sont en cours. La tradition philosophique de l'amitié reprise par Derrida souligne que de la fusion associée à l'amour, sortirait *l'étrangeté*, concept freudien qui se manifeste en angoisse. Comme l'amour se trouve dans le registre imaginaire et le sujet se rapporte à des objets - marchandise capitaliste exclut l'autre du lien social, l'étrangeté se produirait par le double à la place de l'objet. Les modalités de l'altérité dans les registres psychiques sont discutées à partir des formulations comme mélange d'altérité, proposé par Lacan, ainsi que *l'immixtion des sujets* et de la *foule freudienne* au rêve de l'injection d'Irma. L'asymétrie des relations serait la condition d'interruption du *double*, ceci comme annonciateur de la mort, avec qui, les gens de la salle à manger, sont préoccupés, en référence à l'extrait clinique travaillé.

Mots-clés: intimité, amitié, amour, altérité, étrangeté.

## **Efeitos do deslocamento da noção de intimidade: o *éxtimo* na sala de jantar**

*Liliane Seide Froemming & Marisa Terezinha Garcia de Oliveira*

“Mas as pessoas na sala de jantar  
São ocupadas em nascer e morrer”  
(*Paris et circenses*: Caetano Veloso)

### **Recorte clínico**

Um recorte clínico para lançar a questão. Um jovem de 19 anos, recém ingressado na Universidade, busca um neurologista por sentir fortes dores de cabeça quando se sente pressionado. É então encaminhado à análise.

Quando chega para a consulta fala sobre os estudos. Após, passa a contar sobre sair e ficar com algumas meninas e o encontro com uma delas que o acompanha até sua casa, onde mora com seus irmãos. Dormem juntos e, no dia seguinte, ao acordarem, é o horário do almoço. Sentam à mesa. Ele refere um constrangimento ao contar a cena: “isto não precisava ter acontecido, foi muito estranho, comprometedor, nós quatro juntos ao redor de uma mesa, almoçando”.

O que teria acontecido para que imagens como esta, ‘da sala de jantar’, se conservem vivas, produzindo ‘olhares’, indagações, estranhamento, buscas existenciais?

É frequente a fala de analisantes adolescentes sobre sair com alguém e, no outro dia, a ocorrência da sensação de desagrado se ela/ele demonstra intimidade, se aproxima, abraça ou beija em público. Outros expressam não saber se devem se aproximar normalmente, “como se nada tivesse acontecido”, ou se é possível beijar, abraçar uma garota/garoto com quem ficou uma noite. Tais fatos falam do cenário onde a sexualidade adolescente é exercida com o par (Froemming, 1997) no instantâneo do ficar, com poucas palavras. Descartando a questão do pudor, que é uma forma de se salvar da degradação pelo gozo, aparece o estranhamento com o deslocamento da noção de intimidade nas relações amorosas. O afeto que sinaliza o movimento de afastamento tende a ser a angústia, às vezes a vergonha, único afeto articulado/referente à morte e que implica em subtrair a presença do corpo (Lacan, 1969-1970). Tratar-se-ia de uma problemática moral? No *Seminário 17* encontramos a vergonha numa dimensão próxima do absoluto, sem gradações: “morrer de vergonha é um efeito raramente obtido (...) único signo” descendente de um significante (Lacan, 1969-1970, p. 172). O que seria a provocação da vergonha, não demasiado, mas suficiente e que remete a pensar em gradações/dosagens, enunciado que encerra este Seminário?

Se o ato sexual surgia como um acontecimento, numa série de outros atos, marcando uma intimidade maior entre um casal, hoje ele está posto como o primeiro acontecimento da série. A cena familiar de um almoço com irmãos, a apresentação para os pais, ou os momentos com os

amigos e colegas, denotam a exposição de uma intimidade que não parece estar posta no dormir juntos e transar. Que os outros saibam – esta pode ser uma questão.

Surgem, portanto, deste recorte clínico, alguns questionamentos que pretendemos trabalhar.

Como se dá a aproximação no laço amoroso ou no laço de amizade?

Estariam em curso novas formas de expressão destes laços, de demonstrar carinho por alguém? Sentir vergonha se desloca num certo efeito paralelo? A nudez, em sua ampliação metafórica, já não provoca. Hoje estamos frente a novas formas de provocação. Mas, o novo, se é que ele existe, guarda sempre as marcas de uma repetição. Talvez, apenas identificar deslocamentos em curso já aporte algo para o trabalho clínico com a adolescência-neta do maio 68.

### **Aproximações e afastamentos na amizade e no amor**

A amizade é estreitamente ligada à noção de filosofia. A proximidade entre amizade e filosofia é tão profunda que, segundo Agamben (2009, p. 80) corre o risco de ser um obstáculo a “colocar em cena” qualquer projeto de analisar este *partner* clandestino do pensamento.

A “boa amizade”, diz Nietzsche, citado por Derrida (1994), implica, é claro, um pouco de ar de “intimidade”, mas sem intimidade, uma “privacidade adequada”. Ela nos recomenda abster-se “sabiamente”, “prudentemente” de qualquer confusão, qualquer permutação entre as singularidades, do “teu” e do “meu” (Derrida, 1994, p. 74). Amizade implica em liberdade e igualdade. Já o amor estaria hierarquicamente abaixo da amizade (Nietzsche apud Derrida, 1994, p. 315), pois é uma relação de inferioridade/superioridade, escravidão e tirania (Nietzsche apud Derrida, 1994, p. 314), e, a inferioridade/ escravidão abalam o sentimento de si (narcisismo).

A intensidade do amor (que se junta ao respeito, na amizade) pode quebrar o empate entre amor e respeito e, pergunta Kant, citado por Derrida (1994, p. 284), esse amor feroz, “paixão ardente”, este excesso poderia fazer perder algo de respeito pelo outro? A dificuldade maior, na ideia de amizade, encontra-se no contraditório, no equilíbrio instável destes dois sentimentos opostos: “fusão”, atração (o amor) e repulsão “que leva à distância” (respeito).

Com o predomínio do amor (fusão), a lei natural da atração e da repulsão se “perverte” em princípio de desordem absoluta (Derrida, 1994, p. 287). O amor seria, assim, para Kant (apud Derrida, 1994, p. 287) o inimigo da moral (vergonha), daria origem à inimizade, à guerra e portaria o mal, o abandono a si próprio e ao outro. Para combater o mal, que começa pelo sentimento e pela afeição, só uma resposta seria possível: “regras” e “rígidas” (Kant apud Derrida, 1994, p. 288). Lembremos o ditado freudiano “o amor é a saudade da casa”, (Freud, 1919, p. 305) em que ele interpreta o corpo da mãe como o familiar, corpo este que deve ser interditado.

A intimidade, os relacionamentos íntimos, impõem aproximações e distâncias. Quando escreve sobre a psicologia das massas, Freud (1921) busca em Schopenhauer a parábola dos porcos-espinhos. Era inverno, os animais sentiam frio. Procuravam se aproximar e aí se espinhavam. Foi

por um exercício de sucessivos afastamentos e aproximações que descobriram a distância ideal a ser mantida: nem tão próximos que pudessem sentir os espinhos, nem tão distantes que sentissem frio. Encontraram entre a atração e a repulsão, a amizade e a hostilidade, uma distância conveniente (Derrida, 1994, p. 144).

Derrida destaca que a partir do pensamento de Kant, o "mal", e a desordem absoluta a ser combatida pelas regras da moral surgem, paradoxalmente, da intimidade, da fusão e do amor. Esta ideia aparece na cultura, na literatura e no cinema, a exemplo do romance de Gabriel Garcia Marques *Do amor e outros demônios*<sup>1</sup>, também título de filme<sup>2</sup>. Nesta história, a filha de um marquês é mordida por um cão e se acredita que demônios a tenham possuído. O padre incumbido de exorcizá-la enfrenta algo muito mais difícil de lidar do que demônios: o amor que provoca desordem na sociedade local, dominada pela moral religiosa do Santo Ofício.

Daquilo que é mais próximo, o mais íntimo do amor, surge o desconhecido, o estranho, a exterioridade radical, a dimensão maligna do amor que Derrida destaca na filosofia. Na psicanálise, esta dimensão é apontada por Freud (1919) no efeito de estranhamento; algo que é secretamente familiar, que foi submetido à repressão e voltou para o sujeito como estranho. Neste sentido, Lacan fala em *éxtimo* (1968-1969, p. 240-241) como um lugar, em que aparece o estranho objeto *a*. Este objeto pode funcionar como equivalente do gozo em razão de uma estrutura topológica e não tem "imagem especular, ou, dito de outra maneira, alteridade" (Lacan, 1960, p. 832).

### **A estrutura e a "mistura de Outreidade"**

O conceito de "Mistura de Outreidade" em Lacan (1966) – conferência "Da estrutura como *imissão* de uma alteridade condição *sine qua non* de absolutamente qualquer sujeito" (Simpósio Internacional do Centro de Humanidades John Hopkins – Baltimore) – nos leva a pensar nesta implicação posta na equação sujeito – Outreidade. Aqui, o Outro é definido como uma coleção finita de significantes dentre os quais cada um não é, em muitos casos, idêntico a si mesmo. O sujeito é a introdução de uma perda nesta realidade, mas para inscrevê-lo é necessário defini-lo em um círculo, a alteridade. Ele é sempre algo efêmero e desaparece sob a cadeia de significantes; é representado por um significante para outro significante e desaparece sob o segundo significante quando aparece o sentido ou a significação. É necessário encontrar o sujeito como um objeto perdido, diz Lacan (1966), mais precisamente este objeto perdido, o objeto *a*, que é o suporte do sujeito.

Nesta conferência, Lacan rejeita a ideia de unidade da estrutura e propõe usar a fórmula  $(n+1)$  retirada das teorias matemáticas, onde o lugar de 1 se converte no segundo lugar, o qual dá lugar ao 2, ao 3 e aos outros. A repetição do 1 dá lugar ao 2 e esta repetição dá origem ao número. Só uma repetição é necessária para constituir o estatuto do sujeito; ela nos dá a chave do que se passa com ele. O que se repete é algo esquisito, uma coisa, algo significativo, a coisa buscada, objeto *a*. A estrutura é esta relação entre o sujeito e o objeto *a*. A referência ao estranho da repetição

nos remete novamente ao texto em que Freud (1919, p. 293) se refere ao fenômeno do duplo, quando o sujeito se identifica com outra pessoa e há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu.

O ensaio de Baltimore serviu de base para posteriores formulações de Lacan sobre o objeto *a*, o efeito sujeito e o significante, sendo contemporâneo do texto "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" (Lacan, 1960).

Em 1968-1969, no *Seminário 16*, Lacan (2006, p. 240) reconhece o objeto *a* como equivalente do gozo, termo que se institui pela sua evacuação do campo do Outro como lugar da fala, produzindo uma estrutura de borda. Este objeto *a* está num lugar designado de "êxtimo", conjugando o íntimo com a exterioridade radical.

Quinet (2012) em *Os outros em Lacan*, descreve o objeto *a* como uma das cinco modalidades de alteridade: é o outro êxtimo ou outro pulsional, no registro do Real, que se manifesta na angústia que afeta o sujeito. As outras modalidades seriam o pequeno outro, o grande Outro, o outro do laço social e *Heteros* (outro gozo).

Retomando nosso recorte clínico inicial, no almoço em família, na sala de jantar, onde *as pessoas estão ocupadas com o nascer e morrer*. Aí surge o mais íntimo do relacionamento sem que fosse enunciado, sem palavras, uma irrupção do real que causa angústia. Que os outros saibam/vejam – a questão retorna.

Poderíamos pensar na (sub)versão destes laços como novas manifestações da estrutura?

### **Novas manifestações da estrutura – o significante *novo* em psicanálise**

A discussão sobre o que poderia haver de novo no trabalho clínico é ampla e polêmica. O novo supõe a modificação de algo anterior, novas manifestações da estrutura ou mutações na própria estrutura que, enquanto estrutura de defesa, no sentido freudiano do termo, encontra substrato na estrutura da linguagem. Gil (2014, p. 232) diz que o ângulo de apreensão do real modificou-se em consequência de um contexto político adverso à incompletude do Outro e à divisão do sujeito. Apresenta pontos novos em relação a Freud como: a união em uma única equação, de uma categoria clínica — psicose ou perversão — ao social, no qual se diagnostica o coletivo. O analista, hoje, escuta pacientes cujas coordenadas subjetivas são eco do discurso social calcado no declínio da imago paterna e na queda de ideais coletivos, que deixam de fornecer alicerces à subjetividade.

Contestamos que haja uma "novidade em relação a Freud", pois na conferência "A feminilidade", Freud (1933, p. 268) atribuiu ao masoquismo a qualidade de traço feminino, uma "supressão da agressividade prescrita constitucionalmente e imposta socialmente à mulher". Este traço pode ser considerado uma "coordenada subjetiva eco do discurso social" do fim do século XIX e início do século XX e, portanto, há aí uma união em uma única equação o que é da estrutura clínica ao social.

A mudança proposta por Gil (2013) seria a onipresença do registro do social nas condições clínicas e a forclusão da dimensão do sujeito. O analista seria obrigado a defender sua posição ética intervindo no campo social, sem cair em uma postura nostálgica.

Assim, onde tudo é feito em nome do coletivo e da democracia, paradoxalmente, no apogeu do individualismo, ocorre a negação do *efeito sujeito*, este produto de um trajeto que inclui o outro, marcando seus contornos e bordas. O *ego* que guarda a marca do imaginário, promessa de uma permanência que tende a demandar constante reconhecimento do outro como garantia, se sobressai no registro do social. Este, orientado pela lógica cientificista, leva ao agrupamento dos indivíduos por semelhanças imaginárias em guetos, grupos de idosos, crianças, deficientes, etc., negando a divisão subjetiva, a singularidade e a complexidade de cada um.

Neste novo e admirável mundo, o mal-estar pode ser considerado produto do discurso capitalista que nega a incompletude do Outro, pela oferta de objetos, nega o furo na estrutura provocado pela perda de gozo e tenta restituir o gozo perdido em forma de mais de gozar. Negando este furo, se produz gozo, entrega, busca da não existência, depressão. O sujeito só se relaciona com os objetos-mercadoria e exclui o outro do laço social (Quinet, 2010).

A [nova] sociedade capitalista trata as diferenças pela ética da segregação determinada pelo mercado e conduz à clínica sujeitos com coordenadas subjetivas reflexo do discurso dominante. Este visa sobrepor o mercado à sociedade e obedece à lógica da forclusão. Se Freud (1925), no "Prólogo à Juventude Abandonada", aponta as três profissões impossíveis — a título de gracejo: educar, curar e governar —, Lacan (1969-1970) especifica, a partir disto, as quatro formas de as pessoas se relacionarem entre si — educar, psicanalisar, governar e fazer desejar —, chamadas de discursos ou laços sociais, tecidos e estruturados pela linguagem. Estes laços que aparelham o gozo com a linguagem permitem a renúncia da tendência pulsional em tratar o outro como um objeto a ser consumido: sexual e fatalmente. Todo laço social é, portanto, resultado de uma perda real de gozo pelo enquadramento da pulsão (Quinet, 2010, p. 17) e marcado pelo impossível.

Entretanto, os laços amorosos e de amizade, que aparecem na fala do jovem analisante do nosso estudo, se considerarmos o texto "Televisão" (Lacan, 1974), não se enquadrariam na conceituação de laço social. Ante o questionamento de Benoît Jacquot sobre "o que o discurso psicanalítico pode saber", Lacan responde que "nada que não tenha a estrutura da linguagem" e exemplifica como os assuntos do amor estão fora de todo o laço social:

O homem, ao enganar-se, encontra uma mulher, com a qual tudo acontece, ou seja, comumente o fracasso no que consiste o êxito do ato sexual. Os atores são aí capazes dos mais elevados feitos, como se sabe pelo teatro.

O nobre, o trágico, o cômico, o bufão (ao se pontuar numa curva de Gauss) em suma, o leque do que é produzido pelo palco, de onde isso é exibido —, o que cliva os assuntos do amor de todo laço social.

Nada tu-estemunha (...) que *sua* vida (...) não seja um sonho, (...). Pois afinal a amizade, a *philia* sobretudo de Aristóteles (...) é por onde bascula esse teatro do amor na conjugação do verbo amar com tudo o que se segue (...) à lei da casa. (Lacan, 1974, p. 67-68)

### **O campo do amor e o da amizade**

O campo do amor seria do quadro do narcisismo, feito da inserção do autoerotismo nos interesses organizados do Eu. Neste quadro, nada representa o Outro entre esses dois mundos opostos do masculino e do feminino, pois há uma diferença radical entre amar-se através do outro no campo narcísico, e a "circularidade da pulsão" que contorna o objeto. No *Seminário 11* (1964, p. 179), Lacan diz que Freud coloca de um as pulsões parciais e do outro o amor, assim como os antiquários fazem triagem. Quanto ao amor, para concebê-lo

(...) é necessário referir-se a uma estrutura em três níveis [diferente da pulsão]: real, econômico e biológico. No nível real, é o que interessa e o que é indiferente. No nível econômico, o que dá prazer e o que dá desprazer. É somente no nível biológico que a oposição atividade passividade se apresenta em sua forma própria, a única válida no seu sentido gramatical, a oposição amar - ser amado. (Lacan, 1964, p. 179-180)

Segundo Lacan (1964, p. 182), Freud entende assentar as bases do amor na atividade - passividade que metaforiza o que há de insondável na diferença sexual, mas não ao que concerne aos interesses do sexo. Neste nível nada se tira do campo do amor que é do quadro do narcisismo. No interior deste quadro do amor, do narcisismo, nada representa o Outro radical.

Sobre o campo da amizade, aparentemente Aristóteles, citado por Agamben (2009, p. 87), diz algo assemelhado a Lacan no que concerne ao campo narcísico do amor: "o amigo é de fato um outro si mesmo (*heterosautos*). E como para cada um, o fato mesmo de existir (*to auton eina*) é desejável, assim - ou quase - é para o amigo".

Mais adiante, Agamben (2009, p. 90) produz a seguinte afirmação baseada em Aristóteles e que remete ao Outro radical:

(...) o amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na "mesmidade", um tornar-se outro do mesmo. No ponto em que eu percebo a minha experiência como doce, a minha sensação é atravessada por um com-sentir que a desloca e transporta para o amigo, para o outro mesmo. A amizade é esta des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si. (Agamben, 2009, p. 90)

No caso da adolescência, a amizade ocupa um lugar privilegiado, pois “se o olhar do outro (pai, mãe) constitui a subjetividade infantil, é deste lugar constituído que se dirige uma nova busca especular, um redobramento identificatório. Algo do campo do duplo, do gêmeo, do semelhante se repete aqui” (Froemming, 1997, p. 114).

Nas citações acima, estão indicadas duas das cinco modalidades de alteridade descritas por Quinet (2012): o outro imaginário meu semelhante, igual e rival: “o amigo não é um outro eu”. A segunda alteridade é aquela “imanente na mesmidade, um tornar-se outro do mesmo”, que pode ser atribuída ao Outro, simbólico, cujo discurso é o Inconsciente, “o outro mesmo”. O campo do amor e o da amizade seriam, então, habitados pelo “outro eu” e pelo “outro mesmo”, qual seja o Outro radical de Lacan (1964, p. 182). As referências à alteridade e suas modalidades — o outro [imaginário], o Outro [simbólico], o êxtimo [real], o outro do laço social, e o outro gozo [feminino] — no texto de Quinet (2012) resultam de formulações anteriores de Lacan e Freud.

No *Seminário, livro 2*, Lacan (1954-1955) afirma que o *Sonho da injeção de Irma* é a essência da descoberta freudiana, o descentramento do sujeito com relação ao *ego*. Neste sonho Freud mostra tal como é seu *ego* vigil e examina Irma, alguém que condensa três mulheres. Ao examinar a boca de Irma, irrompe a angústia ao se deparar com as crostas cinza-esbranquiçadas “do objeto essencial que não é mais um objeto” (Lacan, 1954-1955, p. 209). Surgem na cena o professor M. e os médicos *Otto* e *Leopold*, numa espécie de condensação que aponta para a identificação na qual a formação do *ego* de Freud reside. O professor M. representa o pai imaginário, Otto, o personagem amigo-inimigo e Leopold, o inimigo querido. Desta forma, no fim do sonho entra em cena a multidão freudiana, a *imissão* dos sujeitos. O que está em jogo na função do sonho e que se acha para além do *ego*, é o sujeito que sonha. Este sujeito sonha para alguém. Segundo Lacan, Freud sonha para a comunidade dos psicólogos, dos antropólogos, para o outro simbólico e o que provoca o estranhamento, a angústia, é o objeto dejetivo, doença não solucionada de Irma, erro médico denunciado pelo objeto aversivo, *êxtimo*.

### **O Outro êxtimo**

É na casa e na presença da família, na sala de jantar, que ao jovem analisante irrompe no real o que aconteceu no isolamento do encontro com uma mulher sem qualquer testemunho. Porém há distância entre o quarto e a sala. Lacan ao falar de um encontro amoroso agrega o palco e aponta o paradoxo do fracasso e êxito aí presente. “O nobre, o trágico, o cômico, o bufão, (...), em suma o leque do que é produzido pelo palco de onde isso é exibido — o que cliva os assuntos de amor de todo laço social” (Lacan, 1974, p. 67).

Assim, retomando a questão, há distância entre o vivido no escuro do quarto e a luz que emana da sala e tanto mais do palco. Um deslocamento de cena opera a metonímia para a íntima obscuridade que não mais o recobre e lhe concerne advinda agora do olhar encarnado no testemunho dos familiares e dos espectadores.

Se o campo do amor é imaginário, narcísico, a angústia que afeta o sujeito revela o encontro com o real, com o outro *éxtimo*. Talvez aí o analisante receba "em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo" (Agamben, 2009) o surgimento da íntima obscuridade que lhe concerne.

Contar um sonho, contar experiências como a do jovem analisante vão nessa direção. Portanto, não deve ser creditado à regressão os elementos imaginários que compõe os sonhos. Eles demonstram algo que está posto na percepção cotidiana, apenas vão mais longe e permitem a vivência de "uma aproximação do real derradeiro" (Lacan, 1954-1955, p. 212).

Giddens (1992) no texto "A transformação da intimidade", trata da sexualidade, do amor e do erotismo nas sociedades modernas. Deste viés sociológico recolhemos considerações de que a democratização da vida pessoal resulta em relacionamentos igualitários que buscam evitar o abuso emocional, acordando direitos e deveres num "contrato móvel" que cria a base da discussão aberta por parte dos parceiros.

Estas considerações nos remetem à amizade descrita por Aristóteles, a amizade propriamente política, democrática, como a relação entre irmãos. Já o desafio psicanalítico à lógica "mutualista" de qualquer comunidade democrática, à *philia*, por excelência, aparece na assimetria das relações analisante/analista, na heterogeneidade entre a transferência (como "amor", Freud disse) e toda amizade possível, e na transcendência irreversível da instância fundadora à consideração da instituição fundada (Derrida, 1994, p. 311). Esta assimetria por trás da relação entre os pares quebra o estranhamento do duplo (Rank, 2013) que poderia representar, num primeiro momento, a garantia da imortalidade, mas que, num segundo momento, transforma-se em um estranho anunciador da morte (Freud, 1919, p. 294).

## **Separação e Morte**

Todo encontro pressupõe a separação. Allouch (2004, p. 142) aponta que Melanie Klein foi quem levou mais longe a sobredeterminação: se a morte é separação, toda a separação será também uma morte. Derrida escreveu sobre a morte de Barthes, Levinas e de sua própria mãe agonizante. A morte de alguém muito próximo expõe a radicalidade de uma presença da ausência do outro. "O morto está em mim, mas não está comigo" (Derrida & Albornoz, 2008).

Freud escreveu necrológios sobre amigos e colegas: Lou Andréas-Salome, Sandor Ferenczi, Joseph Breuer, Karl Abraham. Em 1923 cumprimentava Ferenczi por seus 50 anos e, dez anos depois, ao escrever seu necrológio, diz que "me dói ter sobrevivido a ele". "Sobreviver ao amigo (...) e manter sua memória enquanto sobrevivente é ao mesmo tempo a essência, a origem e a possibilidade, a condição de possibilidade da amizade" (Derrida & Albornoz, 2008).

Costumamos nos presentear com votos de vida longa e este é um dos mais afetuosos desejos com que tendemos cumprimentar os amigos. Há uma ambivalência neste desejo, revelada numa anedota oriental muito difundida e lembrada por Freud (1933, p. 465). Um sultão busca previsões de horóscopo em dois videntes. O primeiro diz que ele será afortunado e que nas estrelas está escrito

que ele presenciara a morte de todos seus amigos e familiares antes dele próprio morrer. O vidente é condenado à morte por sua profecia. O segundo vidente afirma que a sorte que ele lê nas estrelas permite-lhe garantir que o sultão sobreviverá a todos seus amigos e parentes. O segundo vidente é fartamente recompensado. Entretanto, observa Freud, ambos haviam expressado "idêntica realização de desejos". O que visam as profecias? O que buscamos nelas? Talvez a garantia de que estaremos vivos no futuro?

Uma afirmação possível é que a esperança que depositamos nas amizades — sua principal vantagem, segundo Cícero — é a de que teremos um porvir que é capaz de transcender à própria morte, vantagem que foi desconsiderada pelo primeiro vidente. A amizade projeta sua esperança além da vida, pois o amigo é "nossa própria imagem ideal" que nós olhamos no olhar, porque nós o vemos guardar nossa imagem nos seus olhos, em verdade nos nossos; a sobrevida é esperada, iluminada, senão assegurada por este Narciso que sonha com a imortalidade (Cícero apud Derrida, 1994, p. 20).

### **Considerações finais**

Retomando nosso recorte clínico inicial: com o que estas pessoas da sala de jantar estão ocupadas hoje? O constrangimento, o estranhamento, a sensação de que o comprometedor está no ato de sentar em torno de uma mesa e não no compartilhar a cama. O surrealismo dos filmes de Buñuel (diretor espanhol, 1900-1983) já ofertou cenas que nos podem dar pistas: pessoas ao redor de uma mesa, sentadas em vasos sanitários, confraternizam num momento social; quando vão comer, dirigem-se discretamente a um reservado onde fazem suas necessidades "orais" (cenas do filme *O fantasma da liberdade*<sup>3</sup>, 1974).

Talvez, apenas identificar deslocamentos em curso já nos aporte algo para o trabalho clínico com a adolescência-neta do maio 68. Mas, a partir dos deslocamentos na noção de intimidade evidenciados pelo recorte clínico, sobressaiu-se também a dúvida sobre os afetos que estariam associados a estes deslocamentos, vergonha, angústia?

Lacan aborda o tema da vergonha, sem articular com a moral, como o faz Kant. No fragmento clínico trabalhado pode haver uma operatividade no uso destes conceitos, além do deslocamento da noção de intimidade. Assim, talvez hoje a vergonha não apareça mais associada, por exemplo, à nudez, mas à desaparecimento do próprio corpo, no limite, no morrer de vergonha, formulado por Lacan. Já a angústia estaria ligada à irrupção do real, da íntima obscuridade que surge num lugar *êxtimo*, fora do campo especular e que remete ao objeto *a*. O conceito freudiano de estranho articula-se com o *êxtimo* de Lacan — um lugar que conjuga o íntimo, o objeto *a*, equivalente ao gozo, evacuado do campo do Outro — com a exterioridade radical, no registro psíquico do real. O objeto *a* provocaria angústia por suscitar um duplo, sombra, reflexo que se desprende do espelho e se opõe ao Eu.

Na retomada dos conceitos filosóficos de amor e de amizade problematizados por Derrida (1994) que recorre a Kant e Nietzsche emergiu a questão da *Outreidade* discutida por Lacan na Conferência de Baltimore de 1966 e toda a sua exposição sobre a estrutura como relação entre o sujeito e o objeto *a*. Lacan assim como Freud coloca o amor no campo narcísico e a amizade aporta uma assimetria por trás da relação entre os pares que quebra o estranhamento do duplo e se articula ao Outro radical.

Considerando o discurso do capitalista como laço social, o objeto *a*, suporte do sujeito, é a mercadoria, vendida como objeto de desejo do consumidor que ao se relacionar com estes objetos - mercadoria exclui o outro do laço social. A redução da dimensão do sujeito a consumidor coloca questões para o analista não se abster a intervir no que tange ao campo social, do *ego*, que guarda a marca do imaginário, e que é também o registro psíquico do amor, de amar-se através do outro no campo narcísico. Mas o sujeito só nasce, começa, no lugar do Outro, onde se situa a cadeia significativa, a *Mistura de Outreidade* ou *imissão* de sujeitos, uma coleção finita de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais e só é acessível pelas formações do inconsciente, como nos sonhos.

O percurso pelos conceitos psicanalíticos aqui referidos foi elaborado a partir das reflexões suscitadas na atualidade de um caso clínico.

#### Notas:

<sup>1</sup> Marquez, G. G. (1994). *Do Amor e Outros Demônios*. São Paulo: Record.

<sup>2</sup> Hidalgo, H. (Diretora), Alicia Films & CMO (Producciones). (2009). *Del amor y otros demônios*. Costa Rica, película 35mm, colorido, 97 min.

<sup>3</sup> Buñuel, L. (Diretor) & Greewich Film (Produção). (1974). *O fantasma da liberdade*. Itália, França, 105 min.

#### Referências Bibliográficas

- Agamben G. (2009). *O que é o Contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Allouch, J. (2004). *Erótica do luto: no tempo da Morte seca*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Derrida, J. (1994). *Politiques de l'amitié: suivi de L'oreille de Heidegger*. Paris: Galilée.
- Derrida, J. & Albornoz, S. (2008). *Políticas da Amizade*. Recuperado de [http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=834%3Apoliticas-da-amizade-de-jacques-derrida-1&catid=42%3Aartigo-de-fundo&Itemid=1](http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=834%3Apoliticas-da-amizade-de-jacques-derrida-1&catid=42%3Aartigo-de-fundo&Itemid=1)
- Freud, S. (1958). A Psicologia das massas e análise do eu. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 7-93). Rio de Janeiro: Delta. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1976). O estranho. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas* (Vol. 17, pp. 275-318). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2001). Prólogo à Juventude Abandonada de August Aichhorn. *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. 16, pp. 347-350). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2010). A Feminilidade. *Sigmund Freud Obras completas* (Vol.18, pp. 263-293) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010). Sándor Ferenczi 1873-1933. *Sigmund Freud Obras completas* (Vol. 18, pp. 465-468). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).

- Froemming, L. S. (1997). De o "Eu é um outro " a um outro eu: A amizade como laço social. In: A.N. Jerusalinsky (Ed.) *Adolescência: entre o passado e o futuro* (pp. 113-118). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Giddens, A. (1992). *A transformação da intimidade: sexualidade e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gil, A. (2012-2013, jul.- jun.). Elementos para uma crítica do uso do significante novo em psicanálise. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 43/44, 231-245.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1995). Kant com Sade. *Escritos* (pp. 776-806). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962).
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2006). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (1991). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974).
- Lacan, J. (2014). Of Structure as the Inmixing of an Otherness Prerequisite to Any Subject Whatever. Recuperado de <http://www.lacan.com/hotel.htm>.
- Quinet, A. (2010). *Psicose e laço Social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rank, O. (2013). *O Duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense.

**Citação/Citation:** Froemming, L. S. & Oliveira, M. T. G. (nov. 2014 a abr. 2015). Efeitos do deslocamento da noção de intimidade: o *êxtimo* na sala de jantar. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(19), 91-102. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n19p91-102

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 24/11/2014 / 11/24/2014.

**Aceito/Accepted:** 18/12/2015 / 12/18/2015.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.